

Estrutura e Funcionalidade das Famílias de Baixa Renda no Contexto do Empreendedorismo e Educação Profissional das Mulheres: Caso das Mulheres da Cooperativa de Crédito e Vendedeiras de Comida Confeccionada de Waresta na Cidade de Nampula

Calisto Ângelo Tevere *

ORCID iD <https://orcid.org/0000-0001-9407-4198>

Resumo: Este artigo analisa a estrutura e a funcionalidade das famílias de baixa renda no âmbito da prática empreendedora e educação profissional das mulheres, particularmente na cidade de Nampula. A pobreza e a fraca empregabilidade estimula o exercício do empreendedorismo pelas mulheres, que veem o trabalho fora de casa como forma de ganhar dinheiro, renda e vínculo de novas relações sociais e emancipatórias. O estudo é exploratório, usa método do estudo de caso, segue o paradigma qualitativo e tipologia filosófica fenomenológica-interpretativa. Participaram da entrevista semi-estruturada seis mulheres, das quais três de uma cooperativa de crédito, que se beneficiavam da poupança e empréstimo e três do mercado grossista de Waresta com barracas protegidas no local. Notamos que as famílias possuem a disfunção leve entretanto, valoriza-se a mulher como transformadora social da família e sociedade, que retraimento no desempenho familiar deve-se ao débil desenvolvimento socioeconômico. Ao nível estrutural verifica-se coesão e melhorias de vida, erguem casas resilientes, usam tecnologias (celulares e energia), pagam escola e saúde, graças ao empreendedorismo.

Palavras-chave: Apoio familiar; Mulheres; Empreendedorismo; Renda

Makhalelo ni Okhaliherya Wamusi a Muhakhu Vakhani Muhina wa Wasasa Wowuphuwela ni Olela wa Muteko wa Athiyana Emosaro ya Athiyana Ecoperativa Enoliha Musuruku, ni Anamatumiha a Yoolya Yowapheiwa Oparari ya Waresta a Epooma ya Wamphula

Mavukulo: Epaphelo ela enwehaweha makhalelo ni mavarelo okhaliherya wamusi a muhakhu vakhanene muhina wa wasasa opwanhya woreriha ni wuphuwela sana, ni olela wa muteko wa athiyana, mu epooma ya Wamphula. Emasikhini ni othowa ophwanyiha muteko, onnaliphiyera ovara muteko wowasasa wa nakoso vmutthuru mmansawe eriyari ya athiyana, anona ovara muteko ota wa vathe, ehuhu woxintta musurukhu, muhaku ni wasuwela atthu ni makhalelo makhina ni otaphuwa. Osomanno thi wowehehweha muhina wa osoma wetthu emosa wohkumelela, ni thi wolemeliha, ni entthara mukhano wa otaphulela-yowiraneha. Mwa wokoha ni maphankelo vakhanene, Nalavulin'he athiyana athanu ni emosa, araru ecoperativa enoliha musuruku, ni araru a epasari enopoliha ya Waresta, okhalana iparaka sowaakiherya vanipuroni. Nowoona wira omusi wokhalana ohikhaliherya woveya veyya, mana omuttthimiha muthiyana anthoko mureriha oteka makhalelo emutthu omusi ni atthu ammutteteni, ni owiisoovelela mavarelo okhaliherya wa omusi, maana wohikhala mirerelo ni muhako, maana wokhalana emasikhini. Muhina wa makhalelo, nowoona wira annoromelana, ni annarerihya ekhumiya, annateka inupasaya solipa, annakhalana ikharuma sowerya ni sa masuwelo (mankesi ni arame ohikhala mukhoi), annalivera anamuanaya wosomani oxicola ni ekhumi, mwaha wowasasa wa nakoso.

Mulumo ottuhkulela: Okalihera wamusi; Athiyana; Wowasasa wa nakoso; Muhako

Abstract: This article aims to analyze the structure and functionality of low-income families in the context women's entrepreneurial practice and professional education, on particularly in Nampula city. Poverty and poor employability stimulate the exercise of entrepreneurship by women, who see work outside the home as a way of earning money, income and the link of new social and

* Doutorando em Inovação Educativa, mestre em Educação Social e bacharel em Ciências de Educação pela Universidade Católica de Moçambique, docente. E-mail: angelotevere1@gmail.com

emancipatory relationships. The study is exploratory, uses a case study method, and follows the qualitative paradigm and phenomenological-interpretative philosophical typology. Six women participated in the semi-structured interview, of which three from the credit union, who benefited from savings, loans, and three from the wholesale market in Waresta, that their tents are protected on site. We noted that families have mild dysfunction, however, women are social valued as social transformers in the family and society, and the decrease in family performance is due to weak socioeconomic development; and at the structural level, there is cohesion and improvements in life they build resilient houses, use technologies (cell phone and energy), pay for school and health, thanks to entrepreneurship.

Keywords: Family support; Women; Entrepreneurship; Income.

Introdução

Os estudos diversos elencam que a influência dos membros de família pode contribuir no sucesso ou fracasso do crescimento profissional e do espírito empreendedor. Por isso, a estrutura e a funcionalidade das famílias de baixa renda que nos propusemos em analisar, expressam o comportamento e atitudes como afeição, participação na resolução e superação dos diversos dilemas do dia a dia, reforçando a capacidade de inovação das mulheres.

No geral, objetiva-se analisar a estrutura e funcionalidade das famílias de baixa renda no empreendedorismo e formação profissional da mulher; e operacionais: 1) compreender como as empreendedoras avaliam a função familiar; 2) perceber se a estrutura familiar permite o desenvolvimento socioeconômico e produção da renda; e 3) verificar o interesse dos membros na prática do empreendedorismo e educação profissional.

A pesquisa insere-se na linha de Gestão Estratégica e Empreendedorismo; Globalização, Filosofia e Cultura Moçambicana, em especial, Empoderamento feminino na promoção de objetivos do desenvolvimento sustentável. A fraca investigação empírica sobre mulheres e famílias de baixa renda, mormente o empreendedorismo, inovação de forma filosófica e pedagógica na conjuntura moçambicana e da província de Nampula, leva-nos a indagar: Como as famílias de baixa renda, influem nas práticas empreendedora e profissional das suas mulheres para a produção da riqueza? São partes estruturantes deste artigo: resumo, introdução, revisão da literatura, desenho e metodologia do estudo empírico, apresentação, análise interpretação dos resultados, conclusão e referências bibliográficas.

1.Revisão da Literatura: Educação para o Empreendedorismo e Profissionalização

No Brasil, os princípios e fins da educação nacional, similares ao nosso país, no art.º 2º, diz-se:

a educação é dever da família e do Estado, inspirado nos princípios de liberdade e nos ideais de solidariedade humana, com finalidade ao pleno desenvolvimento do educando, seu preparo no exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho (LDB, 1996).

No Processo de Bolonha, salienta-se que o século XXI, a universidade situa-se na denominada “sociedade do conhecimento” e “sociedade profissional”, o desenvolvimento mundial associa-se às profissões, sobretudo na investigação básica e aplicada, tecnologia, comunicações, serviços, defende-se sua profissionalização ao serviço do Estado (Laita, 2015).

O empreendedorismo e inovação são criação, ou dentro dum sector ou fora, de algo novo. Alguns *startups* inovam dentro de um sector existente, neste caso o empreendedor se torna sujeito que deixa os integrantes da empresa surpreendidos e sempre pronto para fazer e gerir novas ideias, produtos ou mudar o que existe (Greve & Salaff, 2003). O conceito empreendedorismo foi popularizado por Joseph Schumpeter em 1945, as escolas clássicas, neoclássica e keynesiana discordam a sua existência, cuja perspectiva defendida por estas, as empresas se inserem numa competição equilibrada e perfeita. A homogeneidade nos produtos e serviços, de tamanho reduzido não afeta preços do mercado e informações estão disponível para todos, justificando inexistência de mudança e inovação (Da Costa, 2016).

Embora controverso, o empreendedor inova, suplanta qualquer modelo econômico e funciona bem a longo prazo. Schumpeter (1942) refere ser responsável pela destruição criativa, interminável fluxo de novidades e mudanças oferecidas pelas empresas aos consumidores. Uma das escolas de economia que estuda o empreendedorismo é a Escola Austríaca. Nesta escola, o empreendedor é considerado centro da atividade econômica e agente de mudança (Salerno, 2008). A definição unânime é de Robert D. Hisrich (: processo de criar algo diferente e com valor, dedicando tempo e esforço, assumindo os riscos financeiros, psicológicos e sociais, recebendo recompensas da satisfação econômica e pessoal. Nesta visão, se antecipa a ideia de resiliência, coragem para inovar e empreender na dificuldade e no sucesso. Nisto, astúcia popular "quem não arrisca não petisca", faz jus.

2.Família e Contribuições Educativas e Empreendedoras

Ao definir uma família, incluem-se os vínculos funcionais e estrutura do agregado familiar como instituição, geralmente compõe-se em família nuclear ou conjugal e da família extensa (Musitu & Cols, 1998, cit. em de Lima, 2008). De Lima (2008) diz, a família nuclear ou conjugal é formada pelo casal e filhos. Agora e nas sociedades desenvolvidas é das mais vistas, embora, desde que as famílias extensas e a fixação em núcleos urbanos, perderam vínculo que possuíam e preservavam. a autora refere que a estrutura tópica da família nuclear, distribuição de funções dentro deste núcleo (em que o pai assume o trabalho externo e a mãe, o trabalho doméstico e a criação dos filhos) não se ajustam hoje, há diversas unidades familiares.

A emancipação da mulher no mercado do trabalho é impulsionada por vários fatores, como os divórcios, estado de mães solteiras, casais homossexuais, etc., e estes, por sua vez, contribuem para que a família nuclear esteja desagregada. No entanto, a família continua a ser crucial para as jovens empreenderem como segue o depoimento da Thaiz de Sousa, de 30 anos, que em 2016 criou Mãe & Mais, incubado pelo Pense Grande, negócio social que oferece serviços de saúde, e bem-estar para gestantes e crianças na primeira infância, filha de dona Neide e Ilton, funcionários públicos que para completar a renda abraçaram o empreendedorismo.

Meu pai vendia abacaxi fatiado, coco na praia, picolé na porta de casa e churrasqueira, minha mãe sempre empreendeu em família, costurando com minha avó, vendendo quitutes no portão, roupas. Eu e minha irmã chegámos de montar um serviço de buffet para festas (Pense Grande, 2018).

Filion (1991, 1999, apud Teixeira, Ducci, Sarrassini, Munhê e Ducci, 2011) refere que as pessoas apresentam mais *chances* de se tornar empreendedoras, se houver um modelo na família ou no meio, e que, quanto mais novo for o empreendedor no início do processo, maior será a influência do ambiente familiar. Matthews e Moser (1996, cit. em Teixeira, et al., 2011) louvam o *background* familiar em atividades empreendedoras pois, incentiva opção pessoal pelo negócio próprio, em particular exercidas pelos pais. Ideologias, valores e conceitos transmitem-se de geração para geração no ambiente familiar, inclusive as concepções de trabalho, estudo e profissão (Filimone, 1997; Soares, 2002, apud Mota-Santos, Neto, 2017). Destaca-se a importância de padrões de funcionamento familiar nos quais se estabelecem relações positivas entre pais e filhos e uma comunicação efetiva para desenvolvimento da carreira (Carvalho & Taveira, 2009).

A literatura afirma que a família é um dos principais fatores de influência na escolha da profissão (Santos, 2005). Apesar disso, Hutz e Bardagi (2008) ressaltam que não há diálogo metódico sobre o assunto nas famílias. Os esforços despendidos por governos, universidades e órgãos não-governamentais podem reforçar essa relação já iniciada na infância, mas é possível que pouco impactam nos indivíduos não influenciados positivamente no seu contexto familiar (Teixeira, et al., 2011). Leite (1994) recorre à frase de Simone de Beauvoir: "*ninguém nasce mulher: torna-se mulher*", pois a influência familiar na infância da mulher marcará sua trajetória profissional futura. Bourdieu (2005) refere que as filhas de mães que trabalham têm aspirações de carreira mais elevadas e são menos apegadas ao modelo tradicional de condição feminina. A existência do empreendedorismo no núcleo familiar pode ser considerada como uma das variáveis que favorecem a iniciativa empreendedora (Mota-Santos, Neto, 2017).

A escolha do empreendedorismo como forma de inserção no mercado de trabalho vem ao encontro de uma busca proativa de independência financeira e de realização da mulher, além de responder as mudanças que ocorrem no espaço privado (Jonthan, 2011, cit. em Mota-Santos & Neto, 2017). Nos países do terceiro mundo, as empreendedoras, além de ganhar respeito das comunidades, incentivam comportamentos semelhantes na própria família e passam a ser reconhecidas por sua liderança nos negócios (Bullough, et al., 2015, apud Mota-Santos & Neto, 2017). Este fato desperto às comunidades e famílias impulsionará a profissionalização e inovação da rapariga.

3.Cronologia de Acções Produtivas e Económicas das Mulheres em Moçambique

Na dimensão socio-histórica, na era da pedra lascada ao neolítico, a mulher ao lado do homem produziu e cuidou do seu agregado familiar, enquanto o homem aguçava a pedra e caçava animais, ela recolhia frutos e raízes. No sedentário, com descoberta do fogo, ferro, e prática da pastorícia e principalmente da agricultura, a mulher passou a colecionar as sementes que colocava na terra, produzindo culturas como a manjoeira, mapira, milho, inhame, etc. nas margens dos rios como Eufrates, Nilo, Congo, Zambeze entre outros. No nosso país, há 1000 anos a divisão social do trabalho permitia as mulheres, trabalhar na machamba, apanhar lenha, carregar água e cozinhar os alimentos e crianças recolhiam vegetais, afugentavam os animais das machambas; os homens e rapazes iam a caça e a pesca (Nhapulo, Bila, 2006).

Nos reinos dos séculos XVI e XVIII como Manyikeni, Mutapas, trabalhava-se no campo, na caça, fabrico de instrumentos de ferro, e fiação do algodão, esta última

exclusiva às mulheres como iam à mineração de ouro com crianças até a penetração colonial (Idem). Na metade do século XX, Europa, sobretudo Portugal, impõe adesão às cooperativas para inserção dos produtores no mercado, intensifica extensão rural e empoderamento dos indígenas, embora se beneficiasse economicamente o governo colonial e não ao sector familiar (Leite, 2013).

Hedges, Medeiro, Liesegang e Chilundo (1993, p. 143) referem que como membro, deviam possuir no mínimo, uma área de 3 hectares de algodão e pagar jóia de entrada de 500 escudos e quota mensal de 300 escudos. Em 1962, as cooperativas foram benéficas a nível socioeconômico, pois as mulheres animam-se a participar na educação dos seus filhos, higiene do lar, nutrição, gestão do tempo de atividades domésticas e das plantações (Leite, 2013). A produção do algodão declina-se em 1964 com movimentos revolucionários, tendo auge em 1967 e criaram-se as machambas coletivas nas zonas libertadas (Mondlane, 1995).

A guerra civil incentivou as aldeias comunais no III Congresso 1977, em 1979 crescem as Cooperativas Agrícolas, e OMM mobilizava as mulheres na criação das cooperativas (Casimiro, 2004). A produção socialista planeia economia do mercado desde 1983, paulatinamente, programa de reajustamento estrutural e econômico culmina em 1990 com modelo do mercado livre, multipartidário e associativo.

4. Empreendedorismo e Profissionalismo Feminino como Desafios e Realidades de Desenvolvimento em Moçambique

O especialista em administração de empresas, Kanitz (2014) diz que os americanos dividem o mundo em duas categorias: os *dreamers* e os *doers*; ou sonhadores e fazedores; em paradoxo, julga que os seres humanos se dividem em três grupos: iniciativos, acabativos e empreendedores – sem contar os burocratas. Iniciativos são os criativos, com inúmeras ideias, mas frequentemente incapazes de colocá-las em prática e destaca que uma das correntes políticas mais influentes no pensamento econômico chama-se "iniciativa livre".

Os acabativos possuem capacidades de implementar aquilo que iniciaram ou concluir o que os outros começaram, mas nada adianta a "livre iniciativa", mas sem uma classe na sociedade preocupada com acabativa. Os empreendedores têm iniciativa e acabativa; colocam em prática uma ideia e levam-na até ao fim, é um grupo exíguo, menos de 1% da população, exemplos de empreendedores internacionais e famosos: Thomas Edisons, Bill Gates e Steve Jobs (Idem).

Na mesma lógica, em Moçambique, também temos os nossos empreendedores: os Monteiros Giros, na Zambézia, no tempo colonial; do tipo *Loage Lake View*, em Chidenguele; ou as Esperanças Mangazes, tipo Folha Verde/Noivos e Eventos, em Maputo. Possuímos economias de "bazar" e "livre", se repararmos empresários de sucesso da praça, percebe-se o tipo do empreendedorismo com protagonismo, não passa de uma "caricatura" do verdadeiro, aquele que se caracteriza por ser eficiente, eficaz e criativo no domínio produtivo (Francisco, 2014). O autor enfatiza, constatar-se uma espécie de empreendedorismo *honoris causa*, desenvolvido na boleia dos meios político e burocrático que controla a alocação dos recursos produtivos, financeiros, desde a terra ao crédito bancário.

Ainda refere que numa bazareconomia, poucas são as pessoas capazes de implementar as excelentes ideias que muita gente tem e gostaria de ver concretizadas capacidade que não se confunde com empreendedorismo vulgar, improvisado *ad hoc*. As empreendedoras moçambicanas alastram-se na economia, em áreas como comércio retalhista e grossista, *Mukheriismo* ou comércio fronteiriço; a indústria de confecções, *marketing fashion* e beleza, etc; o ensino e serviços de saúde privado; associações não lucrativas, etc. (Francisco, 2014).

Em apreço, as ocupações e paridade de gênero, as estatísticas recentes enfatizam que, nas áreas de Educação; consultoria, científica, técnica e similares; imobiliárias; informação e comunicação; alojamento, restauração (INE, 2017). E ainda enaltecem o comércio, por grosso e a retalho; reparação de veículos automóveis, transportes e armazenagem; saúde e ação social; artísticas, de espetáculos, desportivas e recreativas e outros serviços há disparidade de gênero a favor das mulheres. Francisco (2014) refere ter a impressão que ser empreendedora em Moçambique, é um exercício de subversão, mais ou menos delicado em pelo menos três sentidos: (i) Contra intervencionismo estatal, manifestado ou extensivo monopólio que o Estado possui sobre os recursos e sua interferência na alocação e decisão de investimento dos produtos; (ii) Contra o pântano de estagnação econômica, associado às instituições de uma economia de subsistência precária e hostis à economia de reprodução alargada; e (iii) Contra o androcentrismo ou excessiva centralidade no homem.

O empoderamento das mulheres deriva da desconstrução dos atuais esquemas políticos e sociais, através da participação ativa em movimentos, conscientização da sociedade civil (associações e família), tais aspectos correspondem alternativas de sobrevivência de várias empreendedoras e suas famílias. (Rufino, 2002, cit. em

Damasceno, 2010). Ao realizar atividades fora do agregado familiar, as mulheres adquirem autonomia, condutas e relações do mercado de trabalho estruturado ou não, oferecendo-lhes valor individual, social e maior protagonismo nas instâncias de tomada de decisão, ao contrário do trabalho doméstico (Casimiro & Souto, 2010). Por isso, ao tornar as mulheres mais interventivas a nível do empreendedorismo e inovação, e sua profissionalização estimulamos o crescimento do país e da produção de renda familiar e espírito anti-paternalista.

5. Metodologia e técnicas e Instrumentos de Recolha de Dados

Este artigo comporta a investigação qualitativa e a quantitativa como complementar através da estatística. Na dimensão filosófica, contempla o paradigma fenomenológico-interpretativo. Segundo Amado (2017), objetiva compreender as intenções, e significações (crenças, opiniões, percepções, representações, perspectivas, concepções), constrói significações do fenómeno no seu contexto ecológico, estabelecendo relações a outros significantes. Alicerça-se no estudo de caso, exploratório. Canastra, Haanstra e Vilanculos (2015), referem que o estudo de caso examina fenômenos ou acontecimentos sociais que revelam uma singularidade e, ao mesmo tempo, uma complexidade, em termos de apreensão global. Entendemos que estas mulheres revelam o seu quotidiano e aspirações a (re) descobrir.

Ministrou-se a entrevista semiestruturada, através, do APGAR Familiar, Smilkstein (1982, cit. em Martin, Sousa, Gonçalves e Lopes, 2007) diz que, este instrumento se idealizou em 1978 para avaliação da satisfação do membro familiar; o número reduzido de itens facilita aplicação, também, o nível cultural dos entrevistados parece não influenciar nos resultados.

O acrónimo APGAR (inglês), decifrando letras iniciais, significa: 1) **A-Adaptation** (adaptação): satisfação do membro familiar com a atenção recebida; 2) **P-Participation** (Participação): satisfação do membro com a tomada de decisões e reciprocidade da comunicação familiar; 3) **G- Growth** (Crescimento): satisfação com o ambiente familiar para o crescimento emocional, material ou amadurecimento profissional e empreendedor; 4) **A-Affection** (Afeição): satisfação assertiva, amizade, amor, a intimidade e inteiração no contexto familiar; 5) **R-Resolution** (Resolução): satisfação do membro, compromisso na partilha do espaço, dinheiro, opiniões e renda. APGAR Familiar detém cinco questões como antecedemos, com três alternativas de resposta: Quase Sempre, às Vezes e Raramente.

5.1. Apresentação, análise e interpretação dos resultados

Os dados que apresentamos advêm das entrevistadas das seis participantes das quais três das mulheres da cooperativa de créditos de Nampula e três das confeccionadoras de comida do mercado grossista de Waresta em Nampula, representatividade das dezenas de mulheres que se dedicam na prática de empreendedorismo. Possuem em comum: proveniência ou pertença às famílias de baixa renda, residência suburbana na cidade de Nampula e exercício das suas actividades sob égide de uma instituição cooperativista partidária e estatal (Autarquia de Nampula), embora a cooperativa esteja no processo de liquidação.

As entrevistadas de Waresta alcançam as idades: 20-30 e cooperativas dos 40-60 anos, mostrando diferença em experiência no empreendedorismo e convivência familiar. A apresentação, análise e interpretação de dados consistiu na análise de conteúdo, privilegiando a codificação e categorização; cronologia, desmembramento de textos em unidades e subunidades, através de títulos e subtítulos em seguida reagrupamentos analógicos em temáticas, usando discursos de narrativas dos entrevistados, registros de observações e documentos. Bardin (2011) destaca que discurso na prática das análises, é toda comunicação estudada, não só a nível dos constituintes como a nível igual ou superior a frase (proposições, enunciados, sequências) e confrontação dos diferentes indicadores.

5.2. Os contornos socioeconómicos e estrutura dos agregados familiares

Aliando aos tipos de famílias elencados em Musitu e Cols (1998, cit. em De Lima, 2008) encontramos perfil de famílias nuclear ou conjugal completa e incompleta, e extensa, conforme a Quadro 1.

Quadro 1: Tipo de famílias das mulheres da caixa de crédito e vendedeiras de Waresta

Tipo das Famílias	N	%
Nuclear ou conjugal completa	1	16,6
Nuclear ou conjugal incompleta	1	16.6
Extensas (com muitos membros: netos e fora de lar)	4	66,8
Total	6	100

Fonte: Martin et al. (2007).

O tipo de famílias entrevistadas comporta: 2 Nucleares - 1 Completa e 1 Incompleta e 4 Extensas, codificadas, considerando as Cooperativistas de Crédito e Vendedeiras de Waresta: N (NCVW e NICC); e (ECC1 e ECC2; EVW1 e EVW2) respectivamente. A família nuclear completa (NCVW) é composta pela vendedeira de 27 anos e marido de 23, trabalhador nas bombas de combustível, tem dois filhos: uma menina e um menino. Na família nuclear incompleta (NICC) vivem senhora de 40 anos, chefe da família e divorciada; seus 3 filhos: 1 menino e 2 meninas;

Nas famílias extensas temos: ECC1- De 60 anos e vive com marido de 80, 3 filhos, 2 meninas e um menino e dois sobrinhos. Possui netos que moram fora de casa, pois tem outras filhas casadas, ela sustenta a casa, pois o marido não tem força e não consegue dinheiro suficiente, mas pode apoiar com o pagamento de Credelec, é alfaiate idoso. ECC2- vive com marido, chefe de família, de 57 e ela 49 anos de idade. Tem 7 filhos, 5 raparigas e 2 rapazes, e 2 netos (menina e menino).

EVW1- constituída por marido e mulher; tem 3 filhos, 1 menino e 2 meninas; 1cunhada e 2 irmãos (8 membros), o marido de 35 anos, polícia e trabalha em Nacala. EVW2- vive com marido de 32 anos, 3 filhos 2 meninos e menina do colo e sobrinha. Os ganhos mensais constituíram algum segredo ou desconhecimento por parte das entrevistadas, mas do que resulta do negócio atinge os 8 mil Meticais mensais. Outras famílias, foram conseguindo mais tarde alguém assalariado (NCVW e EVW1) ou o marido começou um negócio (EVW2): Situação vantajosa a medida em que, pode aumentar renda, reforçar negócio custear as formações profissionais do agregado.

As famílias habitam em casas de bloco de cimento, excetuando uma que é de adobe. Usam energia elétrica e algumas têm água potável e outras buscam no vizinho. E ainda comunicam-se com celulares tanto da Vodacom como Movitel. Há consciência da necessidade de formar-se, pois há chefes de famílias formadas na área como saúde e polícia, fizeram 10^a à 12^a classe. As suas raparigas estudam e os responsáveis avançaram formações profissionais ou ocupações em manga: saúde; enfermagem e medicina; polícia, professorado, construção civil e empresariado. Aliás, a ECC1 devido ao seu negócio, cujos rendimentos, permitiram custear os seus estudos, 1 filha formou-se em Química e outra em PAGE na então UP de Nampula e ECC2 disse haver uma filha empreendedora.

As formações em gestão, contabilidade foram referenciadas como quase inexistentes, sobretudo pelas vendedeiras de Waresta, que veem abertura do Banco, essencial para empréstimos e educação financeira, pois fala-se dum privado que está

agenciando, embora a instituição bancária Moza Banco, instalada no mercado esteja fechada, nunca facilitara esse efeito. Enquanto as cooperativistas tiveram mais de 5 formações financiadas por exemplo, pelo GAPI, uma instituição micro financeira, e beneficiaram sempre de empréstimos como associadas. As empreendedoras persistem, lutando para a transformação social do ambiente de negócio, embora existam constrangimentos de índole financeiro com a cooperativa a fechar que era a "salvação". E o banco no Waresta que nunca apoiou e o próprio mercado não busca sinergias para o crescimento empreendedor. Aliás, reconhecem a segurança das suas barracas pela polícia do mercado.

5.3. A funcionalidade familiar na perspectiva das empreendedoras

Para avaliar o funcionamento da família, apresentamos os dados da tabela que se segue:

Tabela 2: APGAR Familiar e padrão de respostas dirigido às mulheres da caixa de crédito e do Waresta-2020

Padrão de resposta	N	%
Adaptação		
Quase sempre	1	16,6
Às vezes	5	83,4
Raramente	0	0
Total	6	100
Participação		
Quase sempre	1	16,6
Às vezes	4	66,8
Raramente	1	16,6
Total	6	100
Desenvolvimento		
Quase sempre	3	50
Às vezes	3	50
Raramente	0	0
Total	6	100
Afeição		
Quase sempre	4	66,6
Às vezes	2	34,4
Raramente	0	0
Total	6	100
Resolução		
Quase sempre	4	66,6
Às vezes	0	0
Raramente	2	33,4
Total	6	100

Fonte: Martin, et al. (2007).

Os dados mostram que a adaptação na família não é satisfatória, pois 83,4% de empreendedoras sentem que às vezes, recebe atenção dos seus membros quando alguma coisa não vai bem no seu negócio, somente 16,6% quase sempre, lhes presta apoio na depressão emocional devido a risco de insucesso. A persistência e a resiliência para não desistir reforçam-se pelos membros do agregado familiar como suporte flexível na prática empreendedora, encorajando-as, deixando-as a vontade para se adaptar na crise.

A participação manifestada pela família é comprometedor, não satisfaz às empreendedoras. Em 16,6% estão satisfeitas; 66,8 % às vezes e 16,6% nunca estão satisfeitas com a sua participação na tomada decisões em a família. Este item é mais inaceitável que a adaptação. Neste quadro, entendemos que as empreendedoras são excluídas na escolha do negócio. Este fato nota-se também, na anuência ao curso profissional. As raparigas são excessivamente influenciadas pelos pais, não havendo espaço na opção profissional, segundo a vocação. É preciso dar alternativas e fazer seguimento do talento, respeitar a sua voz e produzir consensos realísticos. "Pensar grande" é virtude de "crescimento e inovação". As empreendedoras não podem repetir as mesmas coisas. As famílias repercutem no desenvolvimento empresarial seja profissional. Assim, devem deixar ou receber com entusiasmo mudanças na abordagem inovadora e corporativista, para melhorar as suas vidas e negócio.

Assim, 50% das empreendedoras responderam que quase sempre e 50% das famílias satisfazem e aceitaram às vezes, tanto os maridos como outros membros são favoráveis no seu crescimento profissional e empreendedor. Como afirmam VW1 e VW2: "o meu marido me deixou trabalhar na Vale até o contrato acabar..."; "propus ao meu marido para incrementar ou mudar o meu negócio buscando produtos fora e ele apoiou, só que como coronavírus ...", respectivamente. Desenvolver e incrementar agora e no futuro é uma aposta declarada.

A "afeição e resolução" são predições ligeiramente positivas, a medida em que, atingiram ambas 66,6% de quase às vezes, embora a resolução teve uma percentagem elevada de raramente, de cerca de 33,4% contra nula em raramente da afeição, quer dizer 33,4% de às vezes. Portanto, podemos considerar que as empreendedoras acreditam que alguém da família pode apoiá-las em dinheiro ou espécie ou em prestação de serviço para salvar o seu negócio. No concernente a "afeição" é mais positiva, já que 66,6% de quase sempre e 33,4% de as vezes são promissores na ajuda às empreendedoras em momentos de tristeza, limitações psicológicas. A família empática e

carinhosa reforça a autoestima de quem seja a pessoa encruzilhada em abismo afectivo: o amor, amizade sinceros fazem bem e a sã convivência social na família, podendo perpetuar na prosperidade de negócio ou profissão. As 30 respostas possíveis colocaram em 13 (Quase Sempre) contra 17 de respostas não satisfatórias, onde 14 (Às vezes) e 3 (Raramente), isto é, em percentagem: 43,3 %, 46,7 % e 10%, respectivamente. Conclui-se que são famílias de Disfunção Suave.

Conclusão

Diversos desafios são postos a prova como realidades necessárias na criação de negócios próprios ou escolha profissional para encarar uma carreira no mercado de trabalho que produza a renda. Este facto, depende da organização da estrutura estatal no acesso a serviços de educação, saúde, comércio, fiscalização tributária por um lado, da influência da família, da comunidade local, e do interesse individual por outro lado. As mulheres e raparigas demonstram as suas capacidades e habilidades como resultado do tipo de formações, estudos em ciências sociais ou ciências naturais, particularmente às engenharias ditas profissões de homens, o que facilitará o trabalho assalariado ou auto-emprego, isto é o empreendedorismo, crescimento técnico-científico e sociocultural.

A integração das raparigas como futuras mulheres e responsáveis das famílias em ambientes e políticas que lhes dê confiança de melhor crescimento biológico, segurança alimentar e nutrição, ações socioeducativas e sanitárias, equaciona-se como fatores da autonomia, crescimento físico, emocional e social que garante às raparigas, mormente das zonas rurais desenvolverem-se e participar na tomada de decisões nas suas comunidades e no seu País. Educar uma mulher é garantir aos membros do agregado familiar uma vida condigna e o bem-estar da família como célula e de toda sociedade em geral, pois ela cuida-nos desde o pré-natal à velhice, este amparo maternal inegável, requer o domínio tecnológico e científico.

O desenvolvimento sustentável requer dotar a mulher de conhecimentos do uso e preservação de recursos naturais e património cultural a favor da humanidade e de gerações vindouras. As instituições devem criar condições para usufruto de direitos e oportunidades iguais de tudo que existe como o bem-comum. Por exemplo, envolve-las estrategicamente, em serviços básicos de apoio, que da economia de bazar levaria à economia livre, isto é, das barracas de venda de comida com características não evoluídas típicas do bazar, constituir-se-iam pequenas ou médias empresas (PME) à vereda da administração estratégica e corporativa, aludindo Francisco (2014).

Potenciá-las em acabativas como sonhadoras e concretizadoras, baseando-se em Kanitz (2014) mesmo os filósofos, cientistas, professores, intelectuais, ser acabativas é seu fraco, ainda menciona "os" Thomas Moore, Karl Marx, Augusto Comte, Rousseau sonharam com o mundo melhor, fraterno, amoroso, mas foram utópicos, não operacionalizaram. Decerto, não é fácil ser empreendedora, contudo o apoio da família e do mundo sábio que reconhece este "abrigo adorável e ambulante", criar-se-á em empresária de sucesso.

Averiguamos que as famílias valorizam as mulheres empreendedoras, embora exista alguma disfuncionalidade, devido ao nível de desenvolvimento socioeconômico débil, agravado pela pobreza do País, em certos casos, está na origem desse retraído desempenho familiar. Os constrangimentos alheios à pesquisa, não permitiu entrevistar outros membros familiares e a revogação da cooperativa foi uma das limitantes. Em singela, há vasta gama de buscas a explorar, por exemplo: que vantagens a mulher empreendedora se beneficiará do sistema de aprendizagem e monitoria dos preços Waresta Index da UniRovuma em parceria com Agência de Cooperação Suíça; que impacto trará a Revogação da Cooperativa de Créditos das Mulheres, depois de mais de 20 anos de sua existência, entre outras.



Referências

- Amado, J. (2017). *Manual de investigação qualitativa em educação*. Coimbra: Universidade de Coimbra.
- Bardin, L. (2011). *Análise de conteúdo*. 4. ed. Lisboa: Edições 70, LDA.
- Bourdieu, P. (2005). *A Dominação Masculina*. 4.ed. Rio de Janeiro: Bertrand.
- Brasil. A Lei nº 9394/96. A Lei de Matrizes e Bases da Educação Nacional (LDB). Brasília: MEC.
- Canastra, F.; Haanstra, F.; Vilanculos, M. (2015). *Manual de investigação científica da Universidade Católica de Moçambique*. 2.ed. Beira: Instituto Integrado de Apoio à Investigação Científica.
- Carvalho, M.; Taveira, M. C. (2009). *Concepções a cerca do papel dos professores na implementação de escolhas de carreira. X Congresso Internacional Galego-português de Psicopedagogia*. Braga: Universidade do Minho.
- Casimiro, I. (2004). *Paz na terra, guerra em casa: feminismo e organizações de mulheres em Moçambique*. Maputo: PROMÉDIA.

- Casimiro, I.; Souto, A. (2010). *Empoderamento económico da mulher: movimento associativo e acesso a fundos de desenvolvimento local*. Maputo: CEA, UEM.
- Da Costa, A. B. (2016). Teoria econômica e política de inovação. *Revista de economia contemporânea-REC*, vol. 20, nº2, p.281-307.
- Damasceno, J. D. L. (2010). Empreendedorismo feminino - um estudo das mulheres empreendedoras com modelo proposto por Dornelas. Fortaleza. Disponível em: <http://www.fa7.com.br/recursos/imagens/File/administração/ic/vi.pdf>. Acesso em: 22 jun.2022.
- De Lima, L. C. (2008). "*Interacção Família-escola*". Produção didáctico-pedagógica. Universidade Estadual de Londrina, Londrina.
- Francisco, A. A. S. (2014). Apresentação e Prefácio. In: Lopes, M. A. (Org.). *Desenvolvimento de Empreendedoras em Moçambique - ResearchGate*. Disponível em [www.researchgate.net>publication>31](http://www.researchgate.net/publication/31). Acesso em: 22 jun.2022.
- Greve, A.; Salaff, J. W. (2003). Social Networks and Entrepreneurship. *Entrepreneurship: Theory and Practice*, vol.28, nº1, 1-22.
- Hedges, D.R., Medeiros. E., Liesegang, G.; Chilundo A. (1993). *História de Moçambique, vol. 3, Moçambique no auge do colonialismo, 1930-1961*. Maputo: Livraria Universitária.
- Hisrich, R. D. (1997). *Entrepreneurship*. 4.ed. Porto Alegre: McGraw-Hill Higher Education.
- Hutz, C. S; Bardagi, M. P. (2006). Indecisão profissional, sociedade e depressão na adolescência: influencia dos estilos parentais. *Psico-USF*, vol.11, nº1, p. 65-73.
- Instituto Nacional de Estatística. (2017). *Mulheres e Homens em Moçambique*. Maputo: INE- Direcção de Estatísticas Demográficas Vitais e Sociais.
- Kinitz. S. (2014). A missão do administrador. Disponível: administrador.pressbooks.com/chapter/administrar-e-nunca-acumular-problemas/. Acesso em: 22 jun.2022.
- Laita, M. S. V. (2015). *A universidade em questão: Uma leitura do Processo de Bolonha no contexto moçambicano*. Nampula: Fundação AIS.
- Leite, J. (Abril de 2013). O cooperativismo nas ex-colónias. *Boletim Cooperativista*. Lisboa: Cooperativa António Sérgio para economia social.
- Leite, M. I. M. (1994). História das Mulheres. *Revista USP*, vol.23, nº1, p.56-61. Disponível em www.revista.usp.br. Acesso em: 22 jun.2022.
- Matini, A. M., Sousa, F.G.M., Gonçalves, A.P.F.; Lopes, M. L. H. (2007). Estrutura e Funcionalidade de famílias de adolescentes em tratamento hemodialítico. *Revista Electrónica de Enfermagem*. vol.9, nº2, p.329-343.

- Mondlane, E. (1995). *Lutar por Moçambique*. Maputo: Universidade Eduardo Mondlane.
- Mota-antos, C.M.; Neto, A. M.C. (2017). O Papel da Família na Trajectória Profissional de Mulheres Executivas e empreendedoras. *Revista Alcance*. Vol. 24, nº1, p. 36-49.
- Nhapulo, T J. A.; Bila, H. D. U. (2006). *Eu e os Outros*. Ciências Sociais. Maputo: Longman Moçambique, Lda.
- Pnse Grande (2018). Empreendedorismo dentro da família: quando a inspiração vem de casa. São Paulo: Fundação Telefónica Vivo.
- Teixeira, R., Ducci, N. P. C., Sarraassini, N.S., Munhê, V. P.C. & Ducci, L. Z. (2011). Empreendedorismo Jovem e Influência da Família: A História de Vida de uma Empreendedora de Sucesso. *REGE*, vol.18, nº1, p.3-18.
- Salerno, J. T. (2008). The entrepreneur: real and imagined. *The Quarterly Journal of Austrian Economics, Austrian Economics*, vol. 11, nº2, p.188-207.
- Santos, L.M.M. (2005). O papel da família e dos pares na escolha profissional. *Psicologia em Estudo*, vol.10, nº1, p.57-66.
- Schumpeter, J. A. (1942). *Capitalism, socialism and democracy*. Nova Iorque: Routledge.

Recebido em: 06/08/2022

Aceito em: 21/09/2022



Para citar este texto (ABNT): TEVERE, Calisto Ângelo. Estrutura e funcionalidade das famílias de baixa renda no contexto do empreendedorismo e educação profissional das mulheres: caso das mulheres da cooperativa de crédito e vendedeiras de comida confeccionada de Waresta na Cidade de Nampula. *Njinga & Sepé: Revista Internacional de Culturas, Línguas Africanas e Brasileiras*. São Francisco do Conde (BA), vol.2, nº Especial, p.589-604, 2022.

Para citar este texto (APA): Tevere, Calisto Ângelo (2022). Estrutura e funcionalidade das famílias de baixa renda no contexto do empreendedorismo e educação profissional das mulheres: caso das mulheres da cooperativa de crédito e vendedeiras de comida confeccionada de Waresta na Cidade de Nampula. *Njinga & Sepé: Revista Internacional de Culturas, Línguas Africanas e Brasileiras*. São Francisco do Conde (BA), 2 (Especial): 589-604.